

APRESENTAÇÃO

Exatos vinte anos se passaram desde a publicação, em 1992, do volume 86 da Revista **Kriterion**, que reuniu os textos da *Semana Comemorativa dos 400 anos da Morte de Michel de Montaigne*, realizada naquele mesmo ano, na UFMG. Nestas duas décadas, consolidou-se no Brasil a pesquisa em filosofia sobre este que é um dos maiores escritores em língua francesa e que contribuiu fortemente para que se traçasse a moldura na qual se inscreve o pensamento da era moderna. Os artigos aqui reunidos originam-se, em sua maior parte, das conferências apresentadas durante o *Colóquio Montaigne: novas leituras*, realizado na UFMG em 2011, e percorrem, sob diferentes perspectivas, temas centrais entre os muitos de que tratam os *Ensaaios*.

Os *Ensaaios*, obra constantemente reescrita, são um convite inequívoco a novas leituras e isto porque, no que tange ao pensar e ao interpretar, “há sempre lugar para um seguinte, certamente até mesmo para nós, e caminhos alhures”. Iniciando estes caminhos, Philippe Desan propõe que a vida real, na forma da política, invade a torre na qual muitas vezes gostamos de imaginar nosso filósofo. Assim se embaralham, na escrita dos *Ensaaios*, vida privada e vida pública – e a obra ganha uma dimensão, digamos, instrumental. Também no artigo de Maia Neto o contexto da escrita mostra-se essencial, e os ceticismos de Montaigne – pois há o pirrônico e o acadêmico, a depender das circunstâncias – constituem-se sobre o fundo dos conflitos religiosos e sua repercussão na corte da princesa Marguerite de Valois. O ceticismo é também o tema dos artigos de Luiz Eva, Danilo Marcondes e Plínio Smith, em diferentes abordagens. Eva reúne e analisa os elementos de proximidade entre os cétricos antigos e Montaigne, no tocante à moral, sem deixar de ver a distância entre eles. Já Smith, mesmo que atento à retomada dos tópicos cétricos por Montaigne, apresenta a forma de duvidar do ensaísta em sua diferença em relação a eles. Marcondes relaciona o ceticismo de Montaigne à descoberta do “outro” – o Novo Mundo e seus canibais –, o que contribui para a concepção, pelo ensaísta, de uma antropologia original. A questão da alteridade também está presente no texto de Maria Célia Veiga França, agora na figura da mulher, que nosso autor, contra muitos de seu tempo, delineia, reduzindo a diferença entre os sexos. Sobre mulheres e homens – e sobre o lugar fundamental de *Eros* no autorretrato de Montaigne – trata o meu próprio texto. Eduíno Orione e Lúcio

Vaz abordam temas vizinhos: a morte e o suicídio. O primeiro mostra o lugar essencial do costume e da imaginação na *meditatio mortis* montaigniana, que se afasta dos legados metafísico e religioso da tradição, mesmo aproximando-se de Aristóteles; o segundo defende, cuidadosamente e em oposição à maior parte da tradição interpretativa, a condenação incondicional do suicídio pelo autor dos *Ensaio*s. Concebendo-a como lugar da variação e da contingência, e sobretudo do possível, Montaigne concede à história destaque em seus escritos; as maneiras como esta se faz presente nos *Ensaio*s é o tema de Maria Cristina Theobaldo. A política e suas injunções frente às demandas da ética e da vida privada aparecem nos artigos de Gilmar Henrique – que mostra que o realismo de Montaigne não implica eliminar as exigências éticas da política – e de André Scoralick. Este último, num texto que dialoga com o de Desan, acompanha Montaigne em seu propósito de mostrar que o cuidado de si, embora não pareça, é uma virtude política. Sobre um autor para o qual a forma (*manière*) é mais importante do que a matéria (*matière*), não poderia faltar uma análise do estilo dos *Ensaio*s: nesta categoria estão os trabalhos de Celso Azar, Sérgio Xavier e Edson Querubini. Celso Azar inscreve o ensaio montaigniano no modo de pensar “materializado” do Renascimento, inimigo das dicotomias de várias ordens, e distingue uma dimensão metafísica em sua escrita. Sérgio Xavier fala dos *Ensaio*s como lugar da reinvenção, a partir da tradição clássica e, sobretudo, do estilo epistolar de Petrarca, do discurso em primeira pessoa. Edson Querubini, fechando este volume, analisa principalmente o “Da arte de conversar”, fazendo ver que os *Ensaio*s são, como queria seu autor, uma conversa conduzida com arte, onde a excelência da *manière* decorre da sábia ignorância da *matière*. As resenhas ao final do volume tratam de publicações recentes de autores brasileiros e estrangeiros dedicadas a Montaigne ou à Filosofia Moderna.

Embora lamentemos ausências importantes, acreditamos ser este volume representativo do “estado da arte” dos estudos montaignianos no Brasil. Tenho a agradecer aos autores que contribuíram para que ele viesse a lume, e também: a Ydernéa de Souza Birchall pelo minucioso trabalho de revisão dos textos; a Lúcio Vaz e Afrânio Souza a preciosa ajuda na adequação dos manuscritos ao formato da revista; a Júlia Birchall Domingues a revisão dos *abstracts* em língua inglesa e a Raniere Lima, diagramador da revista, por ter aceito de bom humor as intermináveis idas e vindas dos arquivos.

Telma de Souza Birchall
Belo Horizonte, novembro de 2012